

Discriminação racial e a ecologia de desenvolvimento de crianças na Educação Infantil: um balanço de produções dos últimos cinco anos nos portais SCIELO BR e BDTD - CAPES

Racial discrimination and the ecology of child development in early childhood education: a balance of productions of the last five years in the portals SCIELO BR and BDTD - CAPES

Ângela da Silva
Francismara Neves de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina-UEL
Londrina – Brasil

Resumo

A pesquisa, exploratória, na modalidade de balanço de produção, objetivou analisar a discriminação racial na ecologia escolar da educação infantil, discutida nas produções científicas dos últimos cinco anos, nas bases SCIELO BR e BDT - CAPES. A busca inicial resultou em 444 produções, sendo 302 artigos, 105 dissertações e 37 teses. Foram selecionadas 37 produções, sendo 19 artigos, 13 dissertações e 4 teses, os quais compuseram duas categorias: 1) formação da identidade racial infantil e suas problemáticas para o desenvolvimento da criança pequena, (17 produções) e 2) implicações do racismo no Currículo e nas práticas pedagógicas na educação infantil (20 produções). Os resultados apontam que as crianças negras estão inseridas em um ambiente ecológico no qual suas potencialidades estão sendo negligenciadas ao serem submetidas diariamente à negação do racismo, ao processo de branqueamento, à cultura de valores e de padrões europeus, à negação da subjetividade e restrição de seu lugar social e de pertencimento.

Palavras-chave: Educação Infantil; Identidade; Racismo.

Abstract

The research, exploratory, in the form of production balance, aimed to analyze racial discrimination in the school ecology of early childhood education, discussed in the scientific productions of the last five years, in the bases SCIELO BR and BDT - CAPES. The initial search resulted in 444 productions, 302 articles, 105 dissertations and 37 theses. 37 productions were selected, 19 articles, 13 dissertations and 4 theses, which comprised two categories: 1) formation of child racial identity and its problems for the development of small children, (17 productions) and 2) implications of racism in the curriculum and pedagogical practices in early childhood education (20 productions). The results show that black children are inserted in an ecological environment in which their potential is being neglected to be subjected daily to the denial of racism, the process of whitening, the culture of values and European standards, subjectivity and restriction of their social place and belonging.

Keywords: Early Childhood Education; Identity; Racism.

1. Considerações iniciais

A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue
e
fome.
...
A voz da minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade
(Conceição Evaristo, 2021)

As vivências se embaralham e me perco nas minhas memórias, confundida entre o “eu” e o “nós”. Os meus silêncios são descritos em cada linha das pesquisas lidas e escritas. As lembranças do banco escolar são marcadas de engasgo, de sufoco, de sobrevivência, de existência [...]. A epígrafe ressoa ecos de resistência, das vozes descritas no poema, desde a criança que foi incorporando todas as nossas crianças para que pudessem ecoar “vida” e “liberdade”. Este artigo apresenta uma reflexão acerca dos processos de identidade e de existência, os quais constituem as crianças negras, a partir dos bancos escolares.

A pesquisa é de natureza exploratória, na modalidade de balanço de produção e teve como problemática: o que revela o balanço de produções acerca do racismo na educação infantil, nas seguintes bases: SCIELO BR e BDTD da CAPES, no período entre 2018 e 2022? O objetivo foi analisar os indícios de discriminação racial na ecologia escolar da educação infantil, por meio de produções científicas encontradas nos últimos cinco anos nos referidos portais.

As reflexões deste artigo iniciam-se com a perspectiva de desenvolvimento humano com a qual os dados das produções serão cotejados: o modelo bioecológico de desenvolvimento de Bronfenbrenner (1996), segundo o qual o desenvolvimento depende de influências e de relações estabelecidas em diferentes ambientes nos quais estamos inseridos e que se integram mutuamente. Para que o desenvolvimento ocorra, somam-se aspectos psicológicos, biológicos e sociais. Por isso, na compreensão de desenvolvimento adotada nesse estudo, o ser humano é definido como um ser biopsicologicamente constituído e em processo de evolução contínua (Bronfenbrenner, 1996).

Subjaz às discussões apresentadas que o desenvolvimento humano é resultado dos processos de interação dos sujeitos inseridos nos contextos, e que vão sendo constituídos pelas interações, ao mesmo tempo em que afetam esses espaços ou ambientes por sua ação e por sua reflexão (Bronfenbrenner, 1996).

Ao pensarmos acerca das crianças pequenas que estão em processo de desenvolvimento, reconhecemos o quanto elas se apropriam e experienciam as diversas situações que constituem sua ecologia de desenvolvimento e, nela, constroem, elaboram e internalizam relações de pertencimento, de direitos, de valores e de autonomia. As crianças pequenas vivenciam forte influência dos contextos familiar e escolar, nos quais estão inseridas e, desde o início de suas interações, percebem e assimilam práticas de discriminação racial, de afeto, de afirmação de sua identidade, de desrespeito ou de carinho. Na ecologia do desenvolvimento, interatuam relações intergeracionais que afetam o modo como o racismo vai sendo compreendido ao longo do desenvolvimento, nas distintas interações parentais e escolares.

Partimos do pressuposto que o desenvolvimento acontece a partir das interações durante todo o período de vida, desde as relações imediatas (microsistemas família e escola, por exemplo) que as afetam diretamente, até as relações dos macrosistemas (leis, políticas públicas etc.) que, embora não a afetem diretamente, influenciam outros agentes de seu processo de desenvolvimento. Assim, as crianças inseridas na ecologia escolar vão construindo suas referências de pertencimento, de valores, de crença, de identidade, ou de ausências, por meio das inter-relações nos ambientes de pertencimento. Nos espaços escolares constroem olhares sobre o mundo e sobre si mesmas que podem favorecer ou desfavorecer seus processos de desenvolvimento, suas experiências e seus aprendizados sobre e nas relações sociais e sua compreensão se modifica, na medida em que o desenvolvimento se amplia (Bronfenbrenner, 1996).

As experiências de racismo vivenciadas na infância podem levar as crianças ao processo de construção de sua identidade e de autoconceito negativo. Estudos como os de Godoy (1996); Cavalheiro (2020) apontam que, desde pequenas, as crianças são afetadas por processos de discriminação racial nos ambientes escolares e que essa discriminação se perpetua na ausência de materiais didáticos e de práticas pedagógicas que trabalhem de forma positiva a formação e a valorização da identidade negra. Essas experiências concretas de vida deixam marcas no seu processo de desenvolvimento.

As crianças de famílias racializadas, marcadas pela dor da cor, pelo preconceito racial e pela segregação, vivenciam o silenciamento, o apagamento das suas representações e de sua identidade, por meio do racismo estrutural que permeia as instituições. As crianças experienciam, de forma sistêmica, a violência racial, o preconceito e a discriminação. São afetadas de diferentes formas durante seu processo de desenvolvimento. Concordamos com

Silva (2022) ao indagar que muitas vezes é na escola que a criança negra se depara com as primeiras manifestações racistas. A escola, que deveria ser um espaço de formação social e potencializador do desenvolvimento infantil, pode se tornar um ambiente hostil, um espaço de não aceitação, de angústia e de sofrimento.

As crianças negras que diariamente vivenciam situações de preconceito e de discriminação racial poderão apresentar dificuldades no ambiente escolar, ausência de repertório e sentimento de não pertencimento, o que pode comprometer seu desenvolvimento e sua aprendizagem. A violência influencia no processo de desenvolvimento psíquico, histórico e social. Por isso, “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros e negras brasileiros (as)” (Gomes, 2005, p.5).

As crianças submetidas ao processo de violência racial nos ambientes mais próximos, como a família, e, muitas vezes, reforçadas no microsistema escolar, experienciam a negação da sua subjetividade. Quando expostas às experiências negativas de seu genótipo: traços corporais, cabelo e pele avaliadas por padrões fenotípicos que reforçam um padrão normativo de beleza oposto, não conseguem se identificar. Vivenciam, portanto, o apagamento de sua corporeidade e, gradativamente, mas de modo muito perverso, a identidade que vai sendo construída caracteriza-se pela incorporação do não-lugar, do não pertencimento ao longo da trajetória de desenvolvimento, fatores que podem reverberar em condição negativa de aprendizagem.

A ausência de afetividade, de representatividade e de repertório da cultura africana, nos contextos de suas vivências, cria uma percepção de invisibilidade e de valorização da “cultura do branqueamento”. Os sentimentos estabelecidos nas relações podem contribuir ou comprometer o desenvolvimento, pois o desenvolvimento humano acontece de modo sistêmico, por meio de funções conjuntas envolvendo as características da pessoa, dos ambientes imediatos em que vive, denominados microsistemas, a intensidade e a frequência da exposição, no processo proximal em diversos ambientes nos quais está inserida (Narvaz; Koller, 2004).

2. Percorso metodológico da pesquisa

A busca pelos materiais analisados aconteceu entre os dias 20 de outubro de 2022 a 8 de novembro de 2022, nos portais SCIELO BR e BDTD da CAPES. O acesso se deu pela ferramenta Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), disponibilizada pela Rede Nacional de Ensino e

Pesquisa (RNP), com o intuito de otimizar e de disponibilizar acesso às plataformas. Após realizar o *login* no Portal de Periódicos Capes (acesso CAFe), via instituição pertencente, Universidade Estadual de Londrina (UEL), sucederam-se as buscas utilizando as estratégias: o uso dos parênteses, das aspas, os operadores booleanos (AND e OR) e os filtros que compunham os anos para as produções dos últimos cinco anos. Os seguintes descritores foram empregados: “educação infantil e racismo”, “educação infantil e relações étnico-raciais”, “educação infantil e preconceito”, “educação infantil e discriminação racial”, “racismo, preconceito racial e infância”, “criança e relações étnico raciais”.

Como procedimento de análise dos dados, os títulos e os resumos das pesquisas encontradas foram lidos e filtrados pelos critérios de inclusão e de exclusão: os trabalhos que apresentavam a temática proposta, ou seja, racismo e discriminação racial na educação infantil foram incluídos e os trabalhos repetidos e os que não apresentavam a temática da educação infantil foram eliminados.

Com base na amostra constituída, foram organizadas duas categorias temáticas: 1) formação da identidade racial infantil e suas problemáticas para o desenvolvimento da criança pequena e 2) discussões sobre implicações do racismo no currículo e nas práticas pedagógicas na educação infantil.

3. Resultados e Discussão

A busca inicial resultou em 444 produções científicas, sendo 302 artigos, 105 dissertações de mestrado e 37 teses de doutorado. Aplicados os critérios de inclusão e de exclusão, foram selecionadas 37 produções científicas que atenderam aos critérios, sendo 19 artigos, 13 dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado. Da amostra, 17 produções referem-se à temática da identidade (Quadro 1) e 20 apresentaram a temática do currículo e das práticas pedagógicas (Quadro 2), conforme apresentadas e discutidas a seguir.

Quadro 1 - Produções que analisaram aspectos identitários do racismo relacionado às crianças pequenas

Título	Autoria	Natureza da produção	Data de publicação	Link de acesso
Educação para as relações étnico-raciais na educação infantil: A história de Sophia	RAIMUNDO ; TERRA	Artigo	2021	https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/108168
Feminismo, culturas infantis, gênero e raça: uma reflexão sobre ser menina negra	SANTOS; ROSSETO	Artigo	2018	https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2018v20n37p157
Formação docente, relações étnico-raciais e educação infantil	SOUZA; DINIS	Artigo	2019	https://www.researchgate.net/publication/330085480_Formacao_docente_relacoes

Discriminação racial e a ecologia de desenvolvimento de crianças na Educação Infantil: um balanço de produções dos últimos cinco anos nos portais SCIELO BR e BDTD da CAPES

				etnico- raciais e educacao infantil
Identidade e diferença nos espaços educativos infantis	SOUZA; DINIS	Artigo	2021	https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7026
Imagem, biopoder e racismo nas instituições de educação infantil	SOUZA; DINIS	Artigo	2019	http://educa.fcc.org.br/pdf/ree/v13n1/1982-7199-ree-13-01-260.pdf
“Não é nenê, ela é preta”: Educação infantil e pensamento interseccional	SANTIAGO	Artigo	2020	https://www.scielo.br/j/edur/a/tyzm4v7TDVpDtsBcNmvhKzz/?lang=pt
Preconceito e educação infantil: a gênese dos comportamentos segregacionais na primeira infância	GAI DARGI- GARUTTI; ROMÃO	Artigo	2020	https://periodicos.uninove.br/cadernosdepos/article/view/18366
Relações étnico-raciais na educação infantil em Itapetininga-BA: o que dizem as crianças?	SANTANA; MENEZES; PEREIRA	Artigo	2019	https://www.redalyc.org/journal/5531/553171426015/html/
O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche: aspectos a considerar e desafios a alcançar	SANTOS	Dissertação	2021	http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/1234575
A identidade étnico-racial da criança: um olhar para os imaginários presentes em um ambiente escolar	SOUZA	Dissertação	2019	https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11475
Identidade e representação sociais e raciais do afrodescendente na educação básica infantil	ROGRIGUES	Dissertação	2020	http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7405
A Literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças "Eu so peta, tenho cacho, so linda, ó"	PEREIRA	Dissertação	2019	https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=57245&idprograma=40001016001Po&anobase=2019&idtc=1480
Experiências de racismo e o desenvolvimento da identidade étnico-racial em crianças negras e brancas	MOREIRA PRIMO	Dissertação	2020	https://ri.ufs.br/handle/riufs/14508
Pertencimentos étnico-raciais na infância: o que dizem as crianças negras sobre si	PIRES	Dissertação	2020	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216581
Protagonismo de crianças negras na educação infantil do campo: brincadeiras e igualdade de gênero	ARAÚJO	Dissertação	2021	http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3782
Eu quero ser o sol! [recurso eletrônico]: (re) interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre as crianças de 0 à 3 anos em creche	SANTIAGO	Tese	2019	http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/1090836

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

O levantamento da produção disponibilizada por meio de artigos, de teses e de dissertações na Categoria 1, que investigou aspectos identitários nas produções, revelou que a temática do racismo é amplamente explorada, mas pouco na perspectiva dos saberes das crianças da educação infantil, ou seja, as pesquisas não apresentam a voz das crianças, como elas percebem e como convivem com as situações de discriminação. O olhar apresentado é o do pesquisador. Da amostra, apenas quatro dissertações de mestrado e uma tese de doutorado apresentaram os saberes e as “vozes” infantis. Outro ponto a destacar é que o conceito de racismo estrutural permeia as discussões, mas não é tomado como referência, ao debater o processo de racismo no Brasil. Destacamos, ainda, que foram encontradas apenas quatro teses em comparação com 13 dissertações, o que evidencia a pequena produção de teses sobre a temática no período analisado, maior existência de cursos de mestrado do que de doutorado nos quais o tema é tratado e/ou atraso na postagem das teses defendidas, no banco BDTD (CAPES), entre outras prováveis explicações.

3.1 Categoria 1 - Identidade racial infantil e suas problemáticas para o desenvolvimento da autoestima

O primeiro aspecto discutido nas produções levantadas e organizadas nesta categoria refere-se aos aspectos físicos, característicos da aparência da criança negra. Destacam-se, nessa discussão, as produções de Gaidargi-Garutti; Romão (2020); Santos (2021). Os autores analisaram que a construção da identidade negra é marcada pela materialidade do racismo estrutural desde a pequena infância. A padronização de beleza que valoriza os traços eurocentrados é apresentada, muito cedo, à criança. Desse modo, as crianças negras vão incorporando uma autoimagem negativa de seus fenótipos corporais, aprendendo que seu cabelo não é valorizado, que é “ruim”, que sua cor é “suja”. Essas formas de violência simbólica vão formando os processos psicossociais e demarcando a construção pessoal no mundo no qual está inserida.

O cabelo negro é um marcador de identidade e essa identidade nem sempre é vista de forma positiva. Os conceitos sobre racismo e preconceito são construídos socialmente, a mediação e o trabalho voltado para as relações raciais são fundamentais para uma sociedade menos segregacionista. A concepção sistêmica de desenvolvimento favorece que se busque quebrar o silêncio sobre o racismo na primeira infância, buscando estratégias que contribuam para a construção de novos padrões de beleza, pois os que estão sendo desenvolvidos demarcam um modelo padronizado que, inserido no subjetivo das crianças, fere a possibilidade de se verem bonitas. Assim, é urgente pensar em propostas para a construção de uma

autoestima positiva, que valoriza os fenótipos da população negra, em especial, cor de pele e de cabelo (Gaidargi-Garutti, Romão, 2020; Santos, 2021).

O modelo bioecológico do desenvolvimento com o qual cotejamos as produções encontradas no balanço de produção realizado atesta que cada sujeito, desde as primeiras interações, vai constituindo sua bagagem e a transporta às muitas interações em seu processo de desenvolvimento. Ao tomar contato com os ambientes, são influenciados e influenciam esses espaços. “O desenvolvimento ocorre, então, através de processos de interação recíproca, progressivamente mais complexa, de um ser humano ativo, biopsicologicamente em evolução com as pessoas, objetos e símbolos presentes em seu ambiente imediato” (Narvaz; Koller, 2004, p. 52).

O segundo aspecto colhido das produções encontradas nas bases de dados consultadas em nosso balanço de produções e que se referiu à categoria construção identitária, relaciona-se aos afetos da criança negra. Os afetos são desenvolvidos nas práticas cotidianas; por isso, a importância do toque, do carinho, do acolhimento das crianças e dos bebês negros. A carga ideológica repassada no cotidiano das crianças resulta em uma valorização da cultura do branqueamento. Os pequenos vão incorporando, com naturalidade, a hegemonização de uma cor da pele que não é a sua e, assim, assimilam, no seu processo de desenvolvimento, que não fazem parte do desejável (Santiago, 2019; Santiago, 2020).

Ao pensarmos que o desenvolvimento é um *continuum* de processos evolutivos, que se dá por meio de funções conjuntas envolvendo as características da pessoa, o ambiente imediato em que vive, os processos proximais que vivencia no contexto no qual está inserida, como atesta Bronfenbrenner (1996), reconheceremos que as crianças da educação infantil são expostas diariamente a uma educação pautada na ideologia do branqueamento, com tal frequência que elas mesmas passam a admitir a padronização de beleza pautada em um modelo hegemônico europeu. A solicitação do lápis cor de “pele”, as imagens fixadas nas paredes das salas de aulas, a ausência de livros infantis que apresentem a diversidade étnico-racial demarca esses mecanismos hegemônicos e, desde pequenas, as crianças vão construindo uma imagem negativa do ser negro, ao mesmo tempo em que vão experienciando atitudes discriminatórias (Souza; Dinis, 2019; Souza, 2019; Souza; Dinis, 2021).

Precisamos, enquanto professores da educação infantil, estar atentos às reações das crianças na ecologia escolar. Muitas crianças negras demonstram suas insatisfações e suas dores marcadas pelo racismo, por meio do choro, do silêncio, da linguagem, seja ela verbal, ou não

verbal. Uma criança inquieta, que muitas vezes é tida como arteira, bagunceira ou apática (tímida), pode estar experienciando práticas de racismo, e a maneira de evidenciar essa dor, já que suas estruturas cognitivas e emocionais ainda estão sendo desenvolvidas, é por meio dessas representações (Raimundo; Terra, 2021; Santos; Rosseto, 2018).

Na educação infantil, os laços afetivos são desenvolvidos por meio das relações pessoais entre os professores e as crianças. Nas práticas pedagógicas cotidianas, os professores constroem relações que podem valorizar as identidades raciais e que podem reforçar uma identidade positiva, fazendo com que, desde pequenas, as crianças possam ver sua estética corporal e a cultura dos povos negros valorizadas. Desta forma, experienciam um processo de transformação identitária, sentindo-se mais confiantes ao construírem uma autoestima positiva (Souza, 2019).

Em contrapartida, as práticas de discriminação racial que atuam de forma muito perversa em relação aos corpos negros, enaltecendo o privilégio da branquitude, tendem a estabelecer uma afetividade negativa, reforçando um padrão de beleza. Esta violência simbólica faz recair sobre as crianças negras o desejo de mudarem seus corpos e de se adaptarem à estética de beleza que é valorizada socialmente (Santana; Menezes; Pereira, 2019).

Na teoria adotada neste artigo, a interação se estabelece por meio de unidades de interação, desde a mais elementar – díade – até as mais complexas. Quando a interação envolve relações de afeto entre os participantes, a díade continua existindo, mesmo quando não estão mais juntos, pois mesmo separados, mantêm a conexão a partir dos laços estabelecidos (Bronfenbrenner, 1996; Krebs, 1995; Bazoni, 2014; Silva, 2016). Esse princípio aplicado às salas de aulas da educação infantil permite trocas intencionais de afetos no contexto escolar, favorece a legitimação dos sentimentos das crianças, trabalha as dores e os desconfortos dos pequenos, combate a necessidade de excluir, de desprezar e de desqualificar, reorientando os afetos de forma respeitosa nessa ecologia.

A pesquisa de Pires (2020) apresentou os discursos das crianças sobre si, o que dizem a respeito dos seus pertencimentos étnico-raciais. A análise evidenciou o pertencimento de identidades e afirmou que as atividades desenvolvidas com as meninas negras e com os meninos negros oportunizaram a construção de sua autoestima, saberes que valorizassem suas identidades e pertencimentos étnico-raciais. Os encontros oportunizaram uma identidade mais positiva e mais valorizada.

O terceiro destaque às produções encontradas no balanço realizado diz respeito à linguagem hegemônica no contexto escolar da educação infantil. É inegável que as construções sociais se fazem pelo processo da linguagem, seja ela verbal, ou não verbal. E, no caso da realidade escolar brasileira, a linguagem é marcada por um poder simbólico de invisibilidade de um povo, como alerta Fanon (2008). Desde muito pequenas, as crianças são apresentadas a uma vasta gama de representações textuais, e por meio do poder da linguagem, o pertencimento racial é retirado da criança negra, não representada nas imagens e na literatura, as quais lhe são apresentadas diariamente. Essa denúncia foi localizada nas produções de Araujo (2021); Moreira Primo (2020); Pereira (2019) e Rodrigues (2018).

Sobre a questão da linguagem como elemento formador da identidade, Fanon (2008) comenta que a criança negra “normal”, ao ser submetida ao menor contato com o mundo branco, ficará “anormal”. Assim que uma criança negra adentra ao espaço escolar, ela é submetida a um processo de negação da sua existência por meio da linguagem hegemônica daquele contexto. Ao ser exposta em práticas de racismo de linguagem, as crianças têm seu processo de desenvolvimento afetado, pois a exposição contribui para uma identidade étnico-racial menos positiva, afetando seus processos psicológicos, emocionais, físicos e sociais.

A literatura com a temática racial africana e afro-brasileira, se trabalhada nas instituições de educação infantil, contribui para a formação da autoestima das crianças, uma vez que se sentirão representadas, propiciando uma sensação de pertencimento e de aceitação das suas corporeidades. Práticas utilizando repertórios de histórias e contos que caracterizam o negro de maneira apropriada apresentam efeito positivo na construção da identidade das crianças, as quais passam a representar os fenótipos cor de pele e de cabelo em seus desenhos, de forma prazerosa.

A formação social enraizada e estruturada nas diferenças de gênero e etnias reforça preconceitos e estereótipos. O debate sobre o conceito de racismo se apresenta como um processo estruturante que se manifesta nas relações cotidianas da sociedade brasileira, como salienta Araujo (2021, p.57): “no cotidiano observamos o enraizamento de um racismo que se manifesta nas mais diversas estruturas sociais e que determina o lugar de subjugação a qual foi atrelado os/as negros/as do nosso país”.

Na tarde do dia 24 de maio de 2019, iniciamos a acolhida das crianças, e algo nos chamou a atenção, as crianças conversavam entre si e as professoras corrigiam a atividade de casa, quando o aluno Nelson chegou acompanhado de sua irmã mais velha. Ao observar a chegada do colega, um dos alunos falou à colega que estava sentada ao seu lado: “O neguinho chegou!”. Esse acontecimento nos impactou. Afinal, o termo “neguinho” foi

empregado de forma pejorativa para diminuir o outro. A criança que fez essa fala, também é negra, e, neste sentido, compreendemos que não há consciência e reconhecimento de sua identidade e pertença étnico-racial (Araujo, 2021, p. 57).

Observa-se que, ao ser submetida a um processo sistemático de “verdades”, a pessoa se convence de que aquilo é inquestionável, ou seja, a cultura que estabelece a divisão sexual do trabalho ou que a tonalidade da pele (mais preta ou menos preta) seja indicativa de boa índole, capacidade de trabalho, inteligência, saúde e tantas outras características hierarquizadoras.

Quadro 2- Produções que analisaram a temática do currículo e práticas pedagógicas

Título	Autoria	Natureza da produção	Data de publicação	Link de acesso
Africanidades em transcrições infantis: práticas curriculares e avaliativas	NUNES; GOMES	Artigo	2021	https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/61590
O currículo escolar e as relações étnico-raciais: entre desafios e perspectivas na educação infantil	SILVA; COSTA	Artigo	2019	http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1105
Educação Infantil, antirracismo e multiculturalismo	GONÇALVES; IVENICKI	Artigo	2021	https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/66014
Educação Infantil: O ensino das relações étnico raciais	BISPO	Artigo	2022	https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21220
Educação da infância e combate ao racismo: a implementação da Lei nº 10.639/2003 na percepção de professores e professoras	ALVES; SANTOS; TEIXEIRA	Artigo	2022	http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/4897
Educação antirracista para crianças pequenas: ideias para começar um novo mundo	NUNES	Artigo	2021	https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/79002
Inquietudes de duas pesquisadoras quanto às reflexões de profissionais da educação infantil diante das relações étnico-raciais e o preconceito face aos imigrantes	MAÇANEIRO; BAILER	Artigo	2020	https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao/article/view/106526
O mito da ausência de preconceito racial na educação infantil no Brasil	MARQUES; DORNELLES	Artigo	2019	https://www.redalyc.org/journal/374/37460130007/html/
Pedagogia da infância no Brasil e na Itália: A criança em contextos interculturais marcados historicamente pelo racismo	SANTIAGO; SOUZA; FARIA	Artigo	2019	https://www.redalyc.org/journal/715/71566554005/html/
As práticas docentes e relações raciais em uma creche do município do Rio de Janeiro	BRAGA; GONÇALVES	Artigo	2020	https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/14842

Discriminação racial e a ecologia de desenvolvimento de crianças na Educação Infantil: um balanço de produções dos últimos cinco anos nos portais SCIELO BR e BDTD da CAPES

Relações étnico-raciais: valores sociais e culturais na educação infantil	MORAES; GUALBERTO PEREIRA BERNIERI; FÔLHA; ALVES	Artigo	2021	https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11373
Educação para as relações étnico-raciais: o que pensam as professoras de educação infantil em uma instituição do interior paulista	SANTANA	Dissertação	2021	https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3967
Educação das relações étnico-raciais na creche: trançando as mechas da legislação federal, formação e práticas das professoras	ALVES	Dissertação	2018	https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9831
Da infância ao preconceito: percepção das professoras acerca das práticas de intolerância racial na educação infantil em Gurupitô.	SUZUKI	Dissertação	2019	https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1193
Formação da personalidade racista no contexto formativo: um estudo de caso a partir do campo de estágio	RANDO	Dissertação	2021	https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3664
Nossos passos vêm de longe: o ensino de história para a construção de uma Educação Antirracista e Decolonial na Educação Infantil	SOUZA	Dissertação	2018	https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/112122
O papel da formação continuada do professor para a constituição da identidade da criança negra na educação infantil de 0 a 3 anos	FRAGA	Dissertação	2019	https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/23111
Educação das relações étnico-raciais na creche: o espaço-ambiente em foco	SANTOS	Tese	2018	https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/10277
Diversidade étnico-racial na educação infantil: análises de um sistema privado de ensino adotado por uma rede pública municipal	CARVALHO	Tese	2018	https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/55870?show=full
Relações étnico-raciais na Educação infantil: Contribuições da teoria das representações sociais	COSTA	Tese	2019	https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18995?locale=pt_BR

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022)

3.2 Categoria 2 - Currículo e práticas pedagógicas: em pauta as relações de discriminação racial

...a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, etc., mas tornar-se negra é

uma conquista.
(Lélia Gonzalez, apud Rios e Lima, 2020)

A epígrafe resume o mito da democracia racial e do processo de branqueamento. Ao pensarmos nos processos que envolvem as práticas pedagógicas, é necessário refletirmos porque o debate sobre as relações de discriminação racial entre os professores é apresentado como um tema delicado, com um estranhamento, algo que não deve ser dito, nem trabalhado. Muitos professores assumem um posicionamento de negação do racismo e essa negação pode ser explicada pelo mito da democracia racial, que é muito evidente nas relações sociais cotidianas, na qual acredita-se que negros e brancos vivem em harmonia e em igualdade de oportunidades (Nascimento, 1978).

Embora a Lei 10.639/2003, que insere a obrigatoriedade do ensino “do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política” (Brasil, 2003), esteja em vigor há 20 anos, ainda é observado no cotidiano escolar uma ausência de trabalho efetivo com a cultura dos povos negros. Verifica-se a mesma situação com a Lei 11.645/2008, que alterou a Lei 10.639/2003, incluindo no conteúdo programático “a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil” (Brasil, 2008).

O primeiro aspecto a ser destacado refere-se ao fato de que as práticas pedagógicas discriminatórias não se constituem fora de um contexto sistêmico e são forjadas desde os aspectos políticos que orientam as leis educacionais, passam pela formação dos professores, pelos cursos de formação continuada e chegam às situações cotidianas em sala de aula. A amostra identificada no balanço trouxe esse alerta no título da pesquisa de Gonçalves e Ivenicki (2021). Falar das práticas racistas no cotidiano escolar implica reconhecer seu modo de produção social, político e histórico e implica desenvolver um currículo no qual a escola possa desenvolver propostas que valorizem a diversidade étnica como um processo indispensável para os seres humanos, para que se possa construir uma educação antirracista (Silva; Costa, 2019; Braga; Gonçalves, 2020).

Nas brincadeiras diárias, as crianças empregam em seus diálogos elementos que fazem menção às relações raciais. Na maioria das vezes, expressam suas opiniões de forma positiva ou

negativa. Em alguns casos, essas opiniões não interferem nas interações. O que pode ser observado é que quando a temática racial é tratada diariamente, as relações interpessoais são positivadas, as crianças assumem essas vivências de forma natural nas brincadeiras. Essas práticas contribuem para a construção do respeito mútuo. Nas brincadeiras, as crianças rompem hierarquias pautadas na ordem patriarcal e racial e constroem relações a partir de seu protagonismo enquanto sujeitos (Moraes; Bernieri; Fôlha; Alves, 2021; Santiago; Souza; Faria, 2019). Os estudos demonstram que as práticas sobre as relações étnico-raciais possibilitam às crianças espaços de respeito mútuo e suas vivências são marcadas por atitudes de respeito e de valorização da diferença.

O segundo alerta nos estudos organizados nessa categoria é apresentado por Nunes; Gomes (2021); Nunes (2021) e Alves; Santos; Teixeira (2022). Trata-se da ausência dos debates nos documentos oficiais. Segundo os autores, os documentos revelam pouca importância à temática, apagamento ou silenciamento, inclusive em documentos mais recentes, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2017). Nela, a problemática das relações raciais é apresentada em nota de rodapé, deixando um vazio das contribuições dos povos negros e do extermínio dos povos indígenas. Esse vazio reforça preconceitos e estereótipos. As instituições de educação possuem papel essencial para a transformação social, desde que assumam e contribuam com práticas curriculares que possibilitem a visibilidade de políticas para romper com a lógica que exclui uma parcela significativa da sociedade. Serão eficazes na medida em que busquem fortalecer um trabalho efetivo, comprometido com a educação antirracista e fortalecedora de uma educação ampla desde a infância.

Quando cotejamos esse aspecto à teoria bioecológica do desenvolvimento humano, reconhecemos a importância do macrossistema para definir, favorecer ou desfavorecer o microsistema escolar. Afinal, são dimensões que se integram. As práticas pedagógicas no microsistema escolar se alinham à ideologia, à política, aos valores sociais e à legislação que constituem o macrossistema (Bazoni, 2014).

Ainda nessa linha de relação entre microsistema e macrossistema, é possível relacionar os estudos de Maçaneiro; Bailer (2020) e Marques; Dornelles (2019). Para os autores, não se pode negar que a história do Brasil é marcada pelo processo colonial e pelo racismo científico, que se fortaleceram no século XIX e que deixaram marcas na estrutura social, fazendo surgir a inferiorização e a superioridade de raças em discursos e na violência institucionalizada pelo estado. Esses discursos, muitas vezes sutis, são apresentados na falta de interesse dos

professores em discutir as relações raciais, pela negação que exista racismo no Brasil. Esse “incômodo” reforça o privilégio imposto desde a colonialidade.

A formação de professores foi outro aspecto que essa categoria identificou. A importância dos cursos de graduação constitui-se como ferramenta essencial para a quebra de paradigmas. O silêncio em relação à temática racial na educação infantil pode ser superado à medida que haja mais investimentos em programas que possibilitem o debate e políticas de promoção de igualdade racial. Os cursos de formação de todas as áreas do conhecimento, quando bem estruturados, possibilitam aos profissionais reconhecer a existência do racismo e promover em suas práticas cotidianas ações antirracistas e de formação ética sobre o tema (Alves, 2018; Souza, 2018; Fraga; 2019).

Tratando especificamente da formação de professores, Bispo (2022) e Santana (2021) alertaram para a ausência de um programa de formação continuada, cujo foco das discussões seja o racismo estrutural que se materializa nas diversas instituições e mascara a discriminação racial. Para muitos professores, a temática da discriminação racial ainda é vista como algo ausente e evidenciada de forma pontual nas datas comemorativas, seja em abril, para apresentar formalmente um debate sobre o dia dos povos originários, ou em novembro, para o trabalho do mês da Consciência Negra. O que podemos identificar é que as práticas relacionadas às relações raciais estão sendo desenvolvidas por meio de contradições e avanços. Se por um lado o que se vê são as atividades pontuais, essas práticas contribuem de maneira sutil para a promoção da temática e da valorização da cultura negra nas escolas.

A invisibilidade da criança negra é um empecilho para a construção de um currículo escolar que busque intencionalmente superar as práticas de discriminação racial. A dificuldade de discutir o tema na escola, ou a negação por parte de muitos professores em aplicar a Lei 10639/2003, evidencia como o racismo estrutural se materializa nas instituições, na invisibilidade do currículo, por não apresentar a cultura negra e sua força em nossa sociedade. Os resultados apontam que o cenário da promoção de igualdade étnico-racial na Educação Infantil está em processo de desenvolvimento. Porém, ainda há uma forte influência da cultura da negação do racismo, inclusive nas propostas curriculares da educação Infantil (Costa, 2019; Suzuki, 2019).

Ao discutir acerca da interação social na educação infantil e as práticas pedagógicas delas decorrentes, Rando (2021) alerta que os contextos da educação infantil podem favorecer a construção de personalidades racistas, uma vez que as crianças estão em um processo formativo de suas personalidades. A escola da primeira infância possui um papel importante tanto na

construção, como na dissolução da personalidade racista. Parece-nos ainda mais necessário discutir amplamente o conceito de racismo estrutural, pois, por meio dele, se normalizam relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas, materializando-se nas instituições sociais (Almeida, 2020).

A relação entre a construção da personalidade na infância e o preconceito racial foi abordada pela via do estereótipo. O preconceito racial enraizado em nossa sociedade está relacionado aos “estereótipos”, ou seja, às pessoas que pertencem a um determinado grupo, submetidas ao preconceito racial, pela cor da pele, pela cor do cabelo. Há resistência política, institucional e pessoal entre professores, pois, conscientemente ou não, perpetuam, por meio de suas práticas pedagógicas, a cultura do branqueamento (ALMEIDA, 2020). Assim, as práticas pedagógicas tornam-se perigosamente estereotipadas.

Outro alerta trazido pelos autores que compuseram esta categoria de análise dos estudos encontrados, cuja preocupação esteve na organização curricular e nas práticas pedagógicas, enfatizou o silenciamento como constante nos espaços da creche, sob a justificativa de que são crianças muito pequenas. Carvalho (2018) e Santos (2018) chamaram a atenção para o fato de que, sem dúvida, é um grande desafio elaborar propostas pedagógicas que possam contribuir com a valorização da cultura dos povos africanos no trabalho pedagógico com bebês. É muito importante resgatar o sentimento de pertencimento racial e favorecer o lugar das crianças nas instituições escolares a partir do reconhecimento dos valores éticos, estéticos e culturais. Os autores analisaram que o conceito de democracia racial e do preconceito de marca são evidenciados nos processos de diferenciação da cor da pele. Diferentemente de outras sociedades que contam com um racismo mais explícito e a origem dos sujeitos é que suscita discriminações, no caso brasileiro, os preconceitos se dão a partir da marca, ou seja, têm como base as características fenotípicas dos indivíduos.

Carvalho (2018) comenta que as apostilas não possibilitam ações efetivas para o trabalho com a diversidade étnico-racial. Reforçam o mito da democracia racial, mas esse apagamento evidencia como o racismo estrutural se materializa nas instituições, seja ela pública ou privada. As estratégias utilizadas para contemplar as questões da diversidade nos materiais escolares reforçam estereótipos ao apresentar, na grande maioria, personagens brancos desempenhando posições sociais superiores às de negros.

Santos (2018) alertou ainda para o fato de que o racismo pode se configurar na sociedade brasileira como processo ideológico ou como estrutura. O racismo constitui-se em uma

ideologia, historicamente construída para fins de manutenção de privilégios de determinados grupos sociais e como uma estrutura que possui especificidades nem sempre iguais às de outros países da América Latina.

Esse aspecto corrobora o que defende Bronfenbrenner (1996) quanto aos processos proximais nos microsistemas, atravessados pelo exossistema e pelo macrosistema social. Por exemplo, ao elaborar práticas pedagógicas que discutam de fato as problemáticas do racismo no Brasil, elementos constituintes das crenças de professores, seu modo diferenciado de olhar o desempenho escolar de crianças brancas, negras, indígenas, pobres, de escola pública ou privada, vai se evidenciar na verbalização de justificativas para ações excludentes. Por outro lado, quando levados a analisar suas crenças e práticas, de forma positiva, ancorados em teorias formativas sólidas, muitos professores declaram que não percebiam que não estavam realizando trabalho pedagógico relacionado às práticas de igualdade nas relações étnico-raciais (Santos, 2018).

Em suma, os estudos trazidos para análise fizeram denúncias de práticas racistas, abordaram questões políticas, culturais, identitárias e escolares e nos permitiram refletir acerca do desenvolvimento contextual e ecológico, no sentido do modelo bioecológico do desenvolvimento humano, no caso das crianças da educação infantil.

A baixa produção científica sobre o tema do racismo e o desenvolvimento das crianças, já havia sido denunciada em artigo publicado por Santos e Corrêa (2020) quando investigaram a produção sobre o tema nas dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação das universidades federais brasileiras entre 2013 e 2017. Naquele estudo os resultados revelaram apenas 11 produções sobre crianças negras e relações raciais. Os autores alertaram para a necessidade de ampliação de estudos sobre o tema. Na pesquisa descrita neste artigo, o alerta precisa ser repetido: considerando o fato de que as crianças aprendem e se desenvolvem por meio das relações concretas de vida e nelas o racismo está presente, a escola não pode eximir-se de discutir profundamente as questões raciais, desde a educação infantil.

4. Considerações finais

O estudo teve como questão norteadora “O que revela o balanço de produções acerca do racismo na educação infantil, nas bases de SCIELO BR e BDTD da CAPES, no período entre 2008 e 2022?” Para responder o problema, o objetivo principal foi analisar os indícios de discriminação racial na ecologia escolar da educação infantil, apresentados nas produções científicas encontradas nos últimos cinco anos nos referidos portais. A amostra levantada

permitiu a organização dos dados em duas categorias de análise: racismo e formação identitárias das crianças da educação infantil e práticas pedagógicas e curriculares e a presença do racismo na educação infantil.

As pesquisas apresentadas permitiram reflexões sobre o racismo e sobre seus marcadores culturais no contexto da educação infantil, considerando que revelaram nuances específicas do “racismo brasileiro”, que é diferente do racismo em outras culturas. Evidenciaram que é necessário contextualizar sua análise na história política, social, econômica e cultural do nosso país, considerando, ainda, o tempo histórico do qual estamos tratando. Os estudos alertaram para a necessidade de demarcar qual período e contexto, em quais regiões, levando em conta que o Brasil tem proporção continental e que o racismo se apresenta de diferentes formas: silenciamento, branqueamento, não pertencimento, exclusão social.

As análises permitiram identificar que as crianças negras sofrem um processo de ausência de sua identidade, fator que acarreta sofrimento marcado pela necessidade de incorporação de processos ideológicos sociais de uma cultura do branqueamento, ao não encontrar repertório que reforce sua construção de identidade e, por essa razão, vivenciam um não lugar.

O valor do pertencimento é fundamental ao desenvolvimento humano. Por meio dele, as interações sociais são possibilitadas, os papéis sociais são significados e ressignificados em movimento dialético. Estar à margem do sistema é perder voz e ocupar um lugar de submissão de si ao outro que sequer o compreende ou acata suas diferenças. As angústias e as vivências das crianças negras foram reforçadas nos estudos que desnudaram o contexto escolar e permitiram relações com os conceitos centrais do modelo bioecológico de desenvolvimento. A negação em discutir o tema das relações raciais, a invisibilidade do material didático, o silenciamento do tema na legislação que norteia as políticas públicas educacionais, a ausência de representatividade negra nas paredes escolares e materiais didáticos reforça o preconceito, a discriminação racial e demonstra como o racismo estrutural se configura nas instituições.

A temática racial é apresentada nos artigos, nas dissertações e nas teses, por meio da discussão do conceito de ideologia do branqueamento, pelo conceito de raça e identidade, pelas definições dos conceitos das relações étnico-raciais, pelo racismo cultural, ideológico, institucional e estrutural. Embora não apareça em primeira análise em nenhuma das dissertações ou teses, o conceito de racismo estrutural pode ser inferido, em segundo plano, em algumas delas. O alerta que fazemos é que em estudos futuros, o racismo estrutural seja tratado com destaque, norteando o referencial teórico e a análise dos dados gerados em teses e

dissertações produzidas na área de educação, porque elas também estariam a propagar o silenciamento, não o apresentando.

Alertamos para o combate do eficiente processo de invisibilização da cultura negra nos espaços escolares, a falta de interesse por parte de professores e da gestão escolar em discutir o tema, como destacaram alguns estudos que o negro e sua história não estão sendo contemplados no contexto escolar. A aplicabilidade na prática pedagógica é um desafio de combate aos modos silenciosos de atuação racista em nossa sociedade. Nesses casos, a escola da educação infantil como motor do desenvolvimento e da personalidade, tem como desafio promover uma educação antirracista, rompendo com o sistema gerador de preconceito e de discriminação racial.

Referências

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.
- ALVES, E. C. **A Educação das relações étnicorraciais na creche: trançando as mechas da legislação federal, formação e prática das professoras**. 2018. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9831>. Acesso em: 27 out. 2022.
- ALVES, L.; SANTOS, W. N.; TEIXEIRA, D. Educação da infância e combate ao racismo: a implementação da Lei nº 10.639/2003 na percepção de professores e professoras. **Rev. bras. Estud. pedagog.**, Brasília, v. 103, n. 264, p. 450-465, maio/ago. 2022. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/4897>. Acesso em: 22 out. 2022.
- ARAUJO, D. K. P. **Protagonismo de crianças negras na educação infantil do campo: brincadeiras e igualdade de gênero**. 2021. 153f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores – PPGFP, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, 2021.
- BAZONI, J. E. da S. **O significado do não aprender na Sala de Apoio à Aprendizagem: a resiliência na voz dos protagonistas do mesossistema constituído pela família e escola**. 2014. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4510>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- BISPO, I. Q. Educação Infantil: O Ensino das Relações Étnicos Raciais. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/21220>. Acesso em: 26 out. 2022.
- BRAGA, A. de O.; GONÇALVES, M. A. R. Práticas docentes e relações raciais em uma creche do município do Rio de Janeiro. **Cadernos do Lepaarq**, v. XVII, n. 34, p. 26-43, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/view/14842>. Acesso em: 26 out. 2022.
- BRASIL. **Lei 10.639/2003**, de 09 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm >. Acesso em: 26 out. 2022.

BRASIL. **Lei 11.645/08**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 26 out. 2022.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CARNEIRO, S. **Racismo e desigualdades no Brasil**. São Paulo. Selo Negro, 2011. (Consciência em debate, coordenadora Vera Lúcia Benedito).

CAVALHEIRO, E. dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2020.

CARVALHO, T. R. **Diversidade étnico-racial na educação infantil**: análises de um sistema privado de ensino adotado por uma rede pública municipal. 2018. 370f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal de Curitiba, Curitiba – PR, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/55870?show=full>. Acesso em: 23 out. 2022.

COSTA, R. S. S. **Relações étnico-raciais na educação infantil**: contribuições da teoria das representações sociais. 2019. 216f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal da Paraíba. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18995?mode=full>. Acesso em: 01 nov. 2022.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRAGA, R. de C. M. dos S. **O papel da formação do professor para a constituição da identidade da criança negra na educação infantil de 0 a 3 anos**. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/23111>. Acesso em: 23 out. de 2022.

GAIDARGI-GARUTTI, A. M. M.; ROMÃO, J. E. Preconceito e educação infantil: a gênese dos comportamentos segregacionistas na primeira infância. **Cadernos de Pós-graduação**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 33-47, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v19n2.18366>. Acesso em: 23 out. 2022.

GOMES, N. L. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil**: uma breve discussão. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2021.

GODOY, E.A. **A representação étnica por crianças pré-escolares**: um estudo de caso à luz da teoria piagetiana. 1996. 273 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/109825>. Acesso em: 08 nov. 2022.

- GONÇALVES, A.C.C.; IVENICKI, A. Educação infantil, antirracismo e multiculturalismo. **Periferia**, v. 13, n. 3, p. 75-95, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/66014/0>. Acesso em: 24 out. 2022.
- KREBS, R. J. **Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano**. Santa Maria: Casa Editorial, 1995.
- LITERAFRO-**O portal da literatura Afro-Brasileira**. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>. Acesso em: 15 ago. 2023
- MAÇANEIRO, G. R.; BAILER, C. Inquietudes de duas pesquisadoras quanto às reflexões de profissionais da educação infantil diante das relações etnicorraciais e o preconceito face aos imigrantes. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 33, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/106526>. Acesso em: 27 out. 2022.
- MARQUES, C. M., & DORNELLES, L. V. O mito da ausência de preconceito racial na educação infantil no Brasil. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 32, n. 1, p. 91–107, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/rpe.12270>. Acesso em: 26 out. 2022.
- MORAES, N. R. de; BERNIERI, C. G. P.; FÔLHA, J. G. P.; ALVES, L. G. P. RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: valores sociais e culturais na Educação Infantil. **Revista Observatório**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. a6pt, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/11373>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- MOREIRA PRIMO, U. S. **Experiências de racismo e o desenvolvimento da identidade étnico-racial em crianças negras e brancas**. 2020. 144 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2020. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/14508>. Acesso em: 26 out. 2022.
- NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. O modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. In: KOLLER, Silvia Helena (org.). **Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 51-65.
- NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978.
- NUNES, K. R.; GOMES, L. F. R. Africanidades em transcrições infantis: práticas curriculares e avaliativas. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 1–15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/61590>. Acesso em: 27 nov. 2022.
- NUNES, M. D. F. Educação antirracista para crianças pequenas: ideias para começar um novo mundo. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. Especial, p. 58-76, jan./jan., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- PEREIRA, S. DA S. **A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”**. 2019. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2019. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=57245&idprograma=40001016001Po&anobase=2019&idtc=1480>. Acesso em: 24 out. 2022.

PIRES, S. R. **Pertencimentos étnico-raciais na infância**: o que dizem as crianças negras sobre si. 2020. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Florianópolis-SC, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216581>. Acesso em: 24 out. 2022.

RAIMUNDO, A. C.; TERRA, D. V. Educação para as relações étnico-raciais na educação infantil: a história de Sophia. **Movimento**, [S. l.], v. 27, p. e27018, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/108168>. Acesso em: 27 out. 2022.

RANDO, J. S. **Formação da personalidade racista no contexto formativo**: um estudo de caso a partir do campo de estágio. 2021. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas-MS, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/3664/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20FINAL-%20Juliana%20S.%20Rando.pdf>. Acesso em: 23 out. de 2022.

RIOS, F. ; LIMA, M. (orgs.). **Por um Feminismo Afro-latino-Americano**. Ensaios, intervenções e diálogos. Lelia Gonzalez. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2020.

RODRIGUES, S. C. R. C. **Identidade e representação sociais e raciais do afrodescendente na Educação Básica Infantil**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7405>. Acesso em: 24 out. 2022.

SANTANA, J. V. J. de; MENEZES, R. S. S.; PEREIRA, R. S. Relações étnico-raciais na Educação Infantil em Itapetinga-BA: o que dizem as crianças? **Revista Exitus**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 367-396, 2019. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/72>. Acesso em: 27 out. 2022.

SANTANA, C. de S. A. **Educação para as relações étnico-raciais**: o que pensam as professoras de educação infantil em uma instituição pública do interior paulista. 2021. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Câmpus de Três Lagoas, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul-MS, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3967?mode=full>. Acesso em: 27 outubro. 2022.

SANTIAGO, F.; SOUZA, M. L. A.; FARIA, A. L. G. Pedagogia da infância no Brasil e na Itália: a criança em contextos interculturais marcados historicamente pelo racismo. **EccoS – Rev. Cient.**, São Paulo, n. 51, e13481, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/13481>. Acesso em: 22 out. 2022.

SANTIAGO, F. **Eu quero ser o sol!**: (re) interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre crianças de 0 à 3 anos em creche. 2019. 111 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas-SP, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1636687>. Acesso em: 27 nov. 2022.

SANTIAGO, F. “Não é nenê, ela é preta”: educação infantil e pensamento interseccional. **Educação em Revista**, v. 36, p. e220090, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698220090>. Acesso em: 22 out. 2022.

SANTOS, R. A. dos; CORRÊA, A. M. do R. Representações sociais, crianças negras e relações raciais: o estado da arte em Programas de Pós-Graduação em Educação (2013-2017). **Revista Cocar**, [S. l.], v. 14, n. 30, 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2911>. Acesso em: 15 ago. 2023.

SANTOS, R. F. ROSSETO, E. R. A. Feminismo, culturas infantis, gênero e raça: uma reflexão sobre ser menina negra. **Zero-a-seis**, v. 20, n. 37 p. 157-169, jan./jun. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2018v20n37p157/36718>.

Acesso em: 22 out. 2022.

SANTOS, A. **Educação das relações étnico-raciais na creche**: o espaço-ambiente em foco. 2018. 232 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/10277> . Acesso em: 22 out. 2022.

SANTOS, N. L. **O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche**: aspectos a considerar e desafios a alcançar. 2021. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_of5a21c14a26593ea88b459ac881f169. Acesso em: 24 out. 2022.

SANTOS, N. L. **O acolhimento inicial de bebês negros e negras nos espaços da creche**: aspectos a considerar e desafios a alcançar. 2021. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_of5a21c14a26593ea88b459ac881f169. Acesso em: 24 out. 2022.

SILVA, R. J. **Atitudes que podem contribuir com a promoção da igualdade racial no contexto escolar**. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=1427. Acesso em: 26 out. 2022.

SILVA, A. da P.; COSTA, E. M. O currículo escolar e as relações étnico-raciais: entre desafios e perspectivas na educação infantil. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 9, n. 5, p. 190-214, 2019. DOI: 10.24065/2237-9460.2019v9n5ID1105. Disponível em: <http://ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1105>. Acesso em: 27 out. 2022.

SILVA, T. D. **Resiliência e escolarização**: significações acerca da ampliação do tempo de permanência dos alunos na escola à luz da perspectiva bioecológica. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000210532>. Acesso em: 02 ago. 2022.

SOUZA, J. N. P. **Nossos passos vêm de longe**: o ensino de história para a construção de uma Educação Antirracista e Decolonial na Educação Infantil. 2018. 137 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/584922>. Acesso em: 24 out. 2022.

SOUZA, E. Q.; DINIS, N. F. Imagem, biopoder e racismo nas instituições de educação infantil. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 260-277, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/ree/v13n1/1982-7199-ree-13-01-260.pdf>. Acesso em: 24 out. 2022.

SOUZA, E. Q. de; DINIS, N. F. Identidade e diferença nos espaços educativos infantis. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 44, p. 423-442, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7026>. Acesso em: 27 out. 2022.

SOUZA, A. C. B. D. **A identidade étnico-racial da criança**: um olhar para os imaginários presentes em um ambiente escolar. 2019. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/11475?mode=full>. Acesso em: 27 outubro. 2022.

SUZUKI, J. S. **Da infância ao preconceito**: percepção das professoras acerca das práticas de intolerância racial na educação infantil em Gurupi - TO. 2019. 86 f. Dissertação (Mestrado

Profissional em Gestão de Políticas Públicas) – Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2019. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1193>. Acesso em: 24 out. 2022.

Sobre as autoras

Ângela da Silva

É poetisa, professora, militante das causas sociais, engajada na luta contra preconceito e educação antirracista. Atua na Educação Infantil, na prefeitura de Londrina- PR. É mestranda em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: angela.silva10@uel.br ORCID: <https://orcid.org/0009-003-4291-5815>

Francismara Neves de Oliveira

É pós-doutora em Educação, doutora em Educação e mestre em Psicologia Educacional. É professora e orientadora no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina. Suas pesquisas acolhem, dentre outras temáticas, estudos sobre preconceito, discriminação, fracasso escolar e convivência ética e respeitosa no ambiente escolar. E-mail: francismara@uel.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0809-2304>. Research ID: k-5670-2015.

Recebido em: 05/04/2023

Aceito para publicação em: 25/10/2023